

O
MARINHEIRO
QUE PERDEU
AS GRAÇAS
DO MAR

M
I
Y
S
U
H
K
I
M
O
A



Estação Liberdade

YUKIO MISHIMA

O MARINHEIRO QUE PERDEU
AS GRAÇAS DO MAR

Tradução do japonês
Jefferson José Teixeira



Estação Liberdade

Título original: *Gogo No Eiko*

© Herdeiros de Yukio Mishima, 1963

© Editora Estação Liberdade, 2022, para esta tradução

Todos os direitos reservados.

PREPARAÇÃO Eda Nagayama e Julia Ciasca Brandão

REVISÃO Valquíria Della Pozza

EDITOR ASSISTENTE Luis Campagnoli

SUPERVISÃO EDITORIAL Leticia Howes

CAPA Mika Matsuzake

IMAGEM DE CAPA Ogata Korin (1658-1716), *Ondas encrespadas*, período Edo, c. 1704-9. Biombo com dois painéis; tinta, pigmento e folha de ouro sobre papel; 146,5 x 165,4 cm. Metropolitan Museum of Art, Fundo Fletcher, 1926.

EDIÇÃO DE ARTE Miguel Simon

EDITOR Angel Bojadsen

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS,

M659m

Mishima, Yukio, 1925-1970

O marinheiro que perdeu as graças do mar / Yukio Mishima ; tradução Jefferson José Teixeira. - 1. ed. - São Paulo : Estação Liberdade, 2022.
176 p. ; 21 cm.

Tradução de: *Gogo no eiko*

ISBN 978-65-86068-25-2

1. Romance japonês. I. Teixeira, Jefferson José. II. Título.

22-76763

CDD: 895.63

CDU: 82-31(52)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

22/03/2022 24/03/2022

Nenhuma parte da obra pode ser reproduzida, adaptada, multiplicada ou divulgada de nenhuma forma (em particular por meios de reprografia ou processos digitais) sem autorização expressa da editora, e em virtude da legislação em vigor.

Esta publicação segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa, Decreto nº 6.583, de 29 de setembro de 2008.

EDITORA ESTAÇÃO LIBERDADE LTDA.

Rua Dona Elisa, 116 | Barra Funda

01155-030 São Paulo – SP | Tel.: (11) 3660 3180

www.estacaoliberalidade.com.br

午後の曳航

Sumário

PARTE 1
VERÃO
11

PARTE 2
INVERNO
97

PARTE 1
VERÃO



Capítulo 1

A mãe desejou boa-noite a Noboru e trancou o quarto a chave pelo lado de fora. O que ela faria em caso de um incêndio? Lógico que havia prometido abrir a porta antes de tudo. Mas e se, com o fogo, a madeira da porta se deformasse e a tinta vedasse o buraco da fechadura? O que ele faria então? Fugiria pela janela? Abaixo havia um caminho de pedras e o estreito andar superior da casa era desesperadamente alto.

Tudo por sua culpa mesmo. Persuadido pelo chefe, Noboru tinha escapulado de casa durante a madrugada. Ainda que pressionado com perguntas, não revelou o nome dele.

A casa havia sido construída pelo falecido pai no alto da colina de Yado, distrito de Yamate, bairro de Naka, em Yokohama. Confiscada pelas tropas de ocupação, fora reformada, tendo um banheiro instalado em cada cômodo do andar superior. Ser trancado a chave não representava assim um inconveniente, apesar de bastante ignominioso para alguém de treze anos.

Sozinho em casa certa manhã, Noboru esquadrinhou todo o quarto, tentando de alguma forma aliviar o tédio. Uma grande cômoda fora colocada junto à parede divisória entre o seu quarto e o da mãe. Ele puxou todas as gavetas para fora e, enquanto numa manifestação de represália espalhava pelo chão as roupas que as ocupavam, notou um fecho de luz penetrando um dos compartimentos do móvel.

Enfiou a cabeça no espaço vazio para verificar a fonte da luz: os intensos raios solares de uma manhã de início de verão que, refletidos no mar, preenchiam o quarto da mãe ausente.

Se curvasse o corpo, devagar conseguiria adentrar a grande cômoda. Mesmo um adulto, desde que ficasse deitado, poderia ali se esgueirar até a cintura.

Visto através do orifício, o quarto da mãe pareceu a Noboru algo totalmente novo.

O par de camas de latão reluzente ao estilo de Nova Orleans, que o pai por predileção mandara trazer dos Estados Unidos, estava encostado à parede do lado esquerdo, exatamente como antes de sua morte. Colchas brancas de pelúcia com uma grande inicial K em relevo — o sobrenome de Noboru era Kuroda — cobriam cuidadosamente as camas. Sobre uma delas, estava posto um chapéu azul-escuro de palha com uma longa fita azul-clara, próprio para passeios. Sobre a mesinha de cabeceira, um ventilador azul.

Do lado direito da janela havia uma penteadeira com espelho de três faces ovaladas. Por não estarem de todo fechadas e vista pela fresta, suas bordas cintilavam como gelo.

Defronte ao espelho, um bosque de frascos: água-de-colônia e de lavanda, borrifadores de perfume e um vaso de cristal da Boêmia de facetas reluzentes. Luvas de renda marrom jaziam enroladas como um feixe de folhas de cedro secas. Para além do móvel e próximo à janela, estavam arranjados um canapé, um abajur de chão, duas cadeiras e uma delicada mesinha baixa. Sobre o canapé, via-se um bastidor com um bordado inacabado. Apesar de terem saído de moda, a mãe gostava de todo tipo de trabalho manual. De onde estava, não podia avistar com clareza as asas deslumbrantes do pássaro, semelhante a um papagaio, sobre um fundo cinza-prateado. Um par de meias aparentava ter sido jogado de modo displicente ao lado do bordado. As peças de náilon cor da pele sobre o estofado adamascado imprimiam

uma estranha agitação a todo o ambiente do quarto. Bem ao sair, a mãe deve ter descoberto um fio corrido e trocado as meias às pressas.

Pela janela, viam-se apenas o céu ofuscante e alguns fragmentos de nuvens, rígidas e brilhantes como esmalte, sobre o reflexo do mar.

Noboru não poderia imaginar que aquele quarto contemplado fosse mesmo o aposento habitual de sua mãe. Era como se pertencesse a uma desconhecida que tivesse se ausentado por alguns instantes. E por certo era o quarto de uma mulher. Uma feminilidade perfeita era respirada em cada canto do ambiente. Um aroma suave pairava no ar.

Ocorreu então a Noboru uma ideia estranha.

Teria o furo sido aberto por acaso? Ou quando algumas famílias dos soldados de ocupação moravam provisoriamente juntas na casa...

De súbito, foi assaltado pelo pensamento de que, no espaço cheirando a poeira da cômoda, antes dele próprio, um corpo loiro e peludo teria se envergado ainda com mais perseverança. Ao pensar assim, o ar dentro do local exíguo se tornou azedo, insuportável.

Torcendo o corpo e se arrastando rápido para trás, saiu da cômoda e correu até o quarto contíguo.

Noboru não poderia esquecer a singular impressão que teve naquele momento.

Ao adentrar de modo impetuoso, o quarto da mãe em nada se assemelhou àquele cômodo misterioso que havia observado instantes antes. Era o mesmo dormitório habitual e sem atrativos. Estava de volta ao lugar onde à noite a mãe punha de lado o bordado e aos bocejos o ajudava com os deveres de casa; onde resmungava de mau humor e o censurava

por sua gravata estar sempre torta; onde lhe dizia “não venha com tanta frequência ao quarto da mamãe com a desculpa de querer admirar os navios. Você já não é mais criança”; onde conferia os livros contábeis trazidos da loja e permanecia longo tempo revisando as declarações de impostos com o queixo apoiado em uma das mãos.

Noboru verificou dentro do quarto da mãe onde estaria o furo.

Teve dificuldade para encontrá-lo.

Observando com atenção, era um orifício realmente ocultado de forma muito hábil sob um dos repetidos recortes em formato de onda esculpidos na parte superior do lambrequim, por onde corria a moldura de madeira gravada em estilo antigo.

Retornou às pressas para o seu quarto, dobrou e devolveu às gavetas todas as roupas espalhadas pelo chão. Depois de fechar a cômoda com cuidado, prometeu a si mesmo que dali em diante jamais faria algo que pudesse chamar a atenção dos adultos para o móvel.

Desde essa descoberta, sobretudo nas noites em que a mãe o repreendia, trancando-o ou não no quarto, retirava então as gavetas, com cautela e sem fazer barulho, para incansavelmente contemplar a figura dela antes de dormir. Nas noites em que a mãe lhe havia sido gentil, jamais a observava.

Noboru descobriu o hábito dela de se despir por completo antes de se deitar, mesmo que ainda não fizesse calor a ponto de ser difícil pegar no sono. Sofria um mau bocado quando ela se aproximava do espelho de parede no canto do quarto fora de seu campo de visão.

Aos trinta e três anos, a mãe ainda detinha um lindo corpo, que, apesar de delicado, era bem proporcionado por frequentar um clube de tênis. Em geral, deitava-se após passar

água-de-colônia pelo corpo, mas ocasionalmente se sentava de perfil diante do espelho dirigindo-lhe o olhar vazio, como se violado pela febre, por vezes sem mover os dedos cuja forte fragrância chegava até as narinas dele. Nesses momentos, Noboru sentia calafrios, confundindo com sangue o esmalte vermelho que pintava as unhas entrelaçadas.

Pela primeira vez na vida, Noboru via de forma tão minuciosa o corpo de uma mulher.

Seus ombros desciam suavemente para a esquerda e para a direita, como a linha costeira. A nuca e os braços tinham um leve bronzeado, mas a partir do tórax começava uma área não tingida, de carne branca e macia, cálida como se queimada a partir do interior. O tênue declive até aos seios adquiria uma forma extravagante e, quando ela os apalpava com as mãos, os mamilos da cor de uva se erguiam. O ventre acompanhava a respiração num movimento discreto. A cicatriz da cesariana. Noboru tinha pesquisado sobre isso em um empoeirado livro vermelho, posto de propósito com a lombada voltada para dentro, na prateleira mais alta da estante no escritório do pai, entre o *Métodos de plantio de plantas floríferas* e o *Manual das pequenas empresas*.

E, depois, vislumbrou a área negra. Não conseguia observá-la bem e se esforçava a ponto de lhe doer o canto dos olhos... Pensou em toda a indecência que conhecia, mas as palavras não conseguiram de modo algum forçar seu caminho para adentrar aquela moita. Conforme diziam os amigos, deveria ser uma pobre casa desocupada. Noboru se indagava qual relação haveria entre aquela casa desocupada e o vazio do seu próprio mundo.

Com treze anos, estava convencido de ser um gênio, uma convicção compartilhada com todos os seus amigos; o mundo

consistia de alguns sinais e decisões simples; desde o nascimento, a morte fincava raízes firmes; o ser humano não conhecia outro recurso a não ser cultivar e aguardar tais raízes; a reprodução era uma ficção, bem como a sociedade; pais e professores cometiam um grave pecado apenas por serem pais e professores. Sendo assim, a morte do pai, quando ele tinha oito anos, consistia em um acontecimento feliz, um evento digno de orgulho.

Nas noites de luar, a mãe apagava as luzes e se postava nua diante do espelho de parede! A sensação de vazio usurpava nessas noites o sono de Noboru. Uma vulgaridade mundial se revelava em meio às doces sombras e luzes.

“Se eu fosse uma ameba”, pensava, “talvez pudesse vencer essa vulgaridade com meu corpo microscópico. O corpo imperfeito do ser humano é incapaz de vencer seja o que for.”

Com frequência adentrava pela janela escancarada o som das sirenes dos navios, como um íncubo. Naquelas noites em que a mãe lhe era gentil, Noboru conseguia dormir sem observá-la. A visão aparecia, porém, em seus sonhos.

Por orgulho de ter um coração rijo, não chorava nem mesmo em sonhos. O coração duro era como uma enorme âncora de ferro, resistente à corrosão marinha, indiferente às cracas e ostras afligindo o costado dos navios, sempre de corpo polido e frio, mergulhada na sedimentação de lama do porto repleta de garrafas vazias, artigos de borracha, sapatos velhos, um pente vermelho desdentado, tampinhas de garrafas de cerveja e tantos outros. Desejava em algum momento fazer uma tatuagem de âncora exatamente sobre seu coração.

Quase ao término do verão, houve uma noite em que a mãe esteve menos doce. Nessa noite algo imprevisível ocorreu.

Ela estava ausente desde a tardinha. Disse ter convidado o segundo oficial Tsukazaki para jantar, como agradecimento pela gentileza de ter mostrado seu navio a Noboru no dia anterior. Ao sair, a mãe se mostrava de uma beleza magnífica, vestindo um quimono de renda em seda preta com fundo carmesim, preso com um *obi* de brocado branco.

Por volta das dez, a mãe voltou acompanhada de Tsukazaki. Noboru os recebeu na sala de estar e ouviu as histórias do mar contadas pelo oficial um pouco embriagado. Às dez e meia, a mãe disse a Noboru que estava na hora de ir dormir. Ela o conduziu até o quarto e trancou a porta a chave.

Era uma noite quente e muito úmida. Em particular, o interior da cômoda estava abafado a ponto de ser irrespirável, mas Noboru tinha se preparado para a qualquer momento mergulhar ali dentro e aguardou. Já passava bem da meia-noite quando ouviu passos furtivos subindo a escada. A maçaneta foi estranhamente girada na escuridão, de modo a assegurar que a porta de Noboru estava de fato fechada, algo que nunca havia acontecido até então. E afinal ouviu o som da porta do quarto da mãe sendo aberta. Com o corpo repleto de suor, embrenhou-se no espaço do móvel.

O luar proveniente do sul se refletia em um dos vidros da janela escancarada do quarto. O oficial, vestido com uma camisa com dragonas douradas, havia se encostado à janela. Noboru entreviu a silhueta das costas da mãe se aproximar do oficial e os dois se beijarem longamente ao lado da janela.

A mãe, então, tocou os botões da camisa do homem sussurrando-lhe algo, acendeu o abajur de chão de luz tênue e recuou. Diante do guarda-roupa, em um canto do quarto que Noboru não podia observar pelo orifício, ela começou a se despir. O sibilo agudo da cinta sendo tirada, como a ameaça

de uma serpente, e o som suave do quimono deslizando para o chão se seguiram. Subitamente, flutuou no ar ao redor da fresta o aroma do habitual perfume Arpège da mãe. Ela havia transpirado ao caminhar na noite quente e úmida, um pouco embriagada, e Noboru sentia pela primeira vez a fragrância almiscarada, exalada por seu corpo enquanto se despia.

Ao lado da janela, o oficial tinha o olhar fixo na direção de Noboru. Sob a luz do abajur, apenas seus olhos brilhavam no rosto bronzeado.

Teve noção da altura do homem ao compará-la à da luminária que costumava usar para medir a própria altura. Não devia ultrapassar um metro e setenta. Talvez um metro e sessenta e cinco ou um pouquinho mais. Não era um homem tão grande.

Tsukazaki desabotoou devagar os botões da camisa e em seguida despiu as roupas sem dificuldade. Apesar de regular em idade com a mãe de Noboru, tinha um corpo mais jovem e sólido do que um homem em terra, como se a matriz tivesse sido fundida no mar. Os ombros largos apresentavam o formato quadrangular do telhado de um templo; o peito, coberto por uma profusão de pelos, sobressaía com distinção; e por todo seu corpo surgiam músculos nodosos semelhantes à torcedura sólida das cordas de sisal, como se vestisse uma armadura de carne que pudesse despir quando quisesse. E Noboru se surpreendeu ao ver, rasgando os pelos profundos do baixo ventre, a triunfante torre lustrosa de um templo erguida, ereta.

Sob a luz débil e oblíqua, os pelos espalhavam sobre seu torso largo uma sombra delicada a cada respiração. O perigoso brilho dos olhos se encontrava fixo sobre a mulher que se despia. O reflexo da lua às suas costas imprimia uma linha áurica em seus ombros espadaúdos e dourava a veia grossa

sobressaindo de seu pescoço. Era o verdadeiro ouro da carne produzido pela luminosidade do luar e do suor.

A mãe demorou bastante para se despir. Teria essa lentidão sido proposital?

De repente, o amplo som de uma sirene ressoou pela janela aberta e preencheu o cômodo imerso na penumbra. Era o grito daquele mar que reverberava: forte e sombrio, sem limites, de uma impositiva e desamparada melancolia, escorregadio como o negrume das costas de uma baleia, repleto da emoção das ondas, das lembranças de milhares de navegações com todas as suas alegrias e humilhações. A sirene, carregada do brilho e da loucura da noite, trazia do profundo alto-mar o desejo pelo néctar sombrio daquele pequeno quarto.

O oficial voltou o olhar para a água com um brusco movimento dos ombros...

Noboru sentiu como se presenciasse um milagre: algo que tinha guardado no coração desde o nascimento agora se revelava e consumava por completo.

Até a sirene reverberar, fora ainda um esboço incerto. Os materiais escolhidos estavam preparados e tudo estava pronto para convergir para o instante até então inédito neste mundo. Porém ainda era insuficiente o poder para transformar de vez o local da guarda dessa matéria confusa da realidade em um esplêndido palácio.

Assim, o repentino toque da sirene representou a pincelada decisiva para transmutar tudo em uma figura perfeita.

Até aquele momento estavam ali reunidos a lua, a brisa quente do mar, o suor e o perfume dos corpos expostos e maduros de um homem e uma mulher, as marcas do oceano e das memórias de portos ao redor do mundo, um pequeno orifício de sufocante observação desse universo, o coração

insensível de um rapaz... As cartas espalhadas desse baralho, porém, não revelavam nenhum sentido. Mas num rompante, graças à sirene, as cartas adquiriram uma relação universal, um vínculo — Noboru e a mãe, a mãe e o homem, o homem e o mar, o mar e Noboru —, fazendo vislumbrar, num relance, um círculo de inevitável existência.

Sentia-se sufocado, suado e extático, a ponto de desmaiar. Imaginou contemplar diante dos olhos um emaranhado de fios se desenrolando e desenhando uma luminosa forma. Isso não deveria ser destruído. Por ter sido provavelmente construído por ele, um rapaz de treze anos.

“Isso não pode ser destruído, seria o fim do mundo. Farei o que houver de mais terrível para impedi-lo”, pensou Noboru, entre sonho e realidade.